

# “Você vai adorar a professora, ela é ótima, ela é boca porca”: as práticas pedagógicas de uma professora na disciplina educação para sexualidade

Thaís Santos Santana<sup>1</sup>  
Marcos Lopes de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho analisou os discursos sobre sexualidade construídos nas práticas pedagógicas de uma professora que ministra a disciplina Educação para Sexualidade em uma escola no campo da rede municipal em Jequié-BA. Nesta pesquisa nos aventuramos pela perspectiva pós-estruturalista e trabalhamos com a etnografia para a produção das informações. Esta professora leciona a disciplina para uma turma de 8º e outra de 9º ano nesta escola e foi escolhida para essa disciplina, pois é despojada, não tendo receio de falar sobre sexualidade, porém isso gera desdobramentos nas aulas, já que, ocorrem situações de exposições de alguns/algumas estudantes, sem contar que ela traz situações vivenciadas por seus familiares para discutir algumas temáticas. Embora tenha afinidade com a disciplina, ela não participou de nenhuma formação específica sobre sexualidade e utiliza de materiais fotocopiados de uma colega de outra escola, pois não teve acesso a outros materiais didáticos.

**Palavras chave:** Educação para Sexualidade, práticas pedagógicas, escola no campo.

---

1 Licenciada em Ciências Biológicas e Pós-Graduada do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, taisantana13@hotmail.com;

2 Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, markuslopes-souza@gmail.com;

## Introdução

Este artigo é um recorte de uma pesquisa, ainda em construção, na área de Ensino de Ciências, com ênfase em Ensino de Sexualidade, tendo como foco da investigação o componente curricular do núcleo diversificado do município de Jequié - Bahia, a disciplina Educação para Sexualidade (EPS). Neste trabalho analisamos os discursos sobre sexualidade produzidos durante as práticas pedagógicas de uma professora que ministra a disciplina EPS em uma escola no campo.

O componente curricular EPS foi criado em 2004, a partir das contestações de professoras e professores da rede municipal de ensino apontando um aumento no número de gravidez juvenil entre as(os) estudantes e uma preocupação com o contágio das infecções sexualmente transmissíveis (IST) por parte das(os) jovens. Assim, a disciplina foi elaborada pela Secretaria Municipal de Educação (SME) e aprovada pelo Conselho Municipal de Educação, com a seguinte restrição: deveria ministrada para as(os) estudantes dos 8º e 9º anos do ensino fundamental das escolas da cidade e do campo e que nos demais anos o conteúdo deveria ser trabalhado de forma transversal, nas diferentes disciplinas (AZEVEDO; SOUZA 2016).

Como o objetivo primordial da disciplina foi a redução das(os) adolescentes grávidas(os) e do contágio de alguma IST por parte da juventude, o componente foi inserido considerado, sobretudo, os discursos médicos-higienistas e heteronormativo (AZEVEDO; SOUZA 2016).

Ao longo desses anos, foram realizadas algumas pesquisas com a disciplina Educação para Sexualidade no município de Jequié-BA com as de Azevedo e Souza (2016) e Cabral e Souza (2017), mas nenhuma delas focalizou de forma mais contundente o trabalho com a escola no campo, evidenciando a singularidade deste trabalho. Além disso, torna-se relevante estudar um componente curricular como esse, pois ainda há restrições para as discussões sobre sexualidade na escola, ficando limitadas, muitas vezes, à disciplina de Biologia, embora entendamos que também seja importante que nas aulas de Biologia essas discussões aconteçam.

Além disso, com as ondas conservadoras e fundamentalistas, como o Movimento Escola sem Partido, que desejam retirar essas discussões das escolas, investigar as resistências existentes como a da permanência dessa disciplina Educação para Sexualidade em uma escola no campo se torna muito relevante.

## O caminho construído pela pesquisa

Esta pesquisa se ancora na perspectiva pós-estruturalista, na qual buscamos dar ênfase mais nos processos que surgem durante a produção das informações, entendemos que nossas explicações são provisórias e nos interessamos pelos regimes de verdade que atuam na produção dos sujeitos (MEYER; SOARES, 2005).

Para a produção das informações, realizamos uma etnografia, acompanhando as aulas da professora da disciplina EPS em duas de suas turmas (uma de 8º e outra de 9º ano) durante cinco meses (entre março e agosto de 2019) em uma escola de campo. Segundo Michel Angrosino (2009), o método etnográfico é utilizado para auxiliar pesquisadoras(es) que tenham interesse em acompanhar as vivências de um determinado grupo social, analisando as interações entre as pessoas no seu contexto específico. Durante as observações das aulas da disciplina EPS foram feitas anotações em um diário de campo a fim de registrar os diferentes aspectos que atravessavam as práticas educativas.

A escola em que a pesquisa foi desenvolvida está em área de campo, localizada a 28 km de distância da área urbana de Jequié-BA, em um povoado chamado Nova Esperança, pertencente ao distrito Oriente Novo. A equipe escolar é composta por um porteiro, uma merendeira e duas funcionárias de apoio, moradoras(es) da localidade. O restante da equipe é oriunda da área urbana, no caso, a diretora, vice-diretor, coordenadora pedagógica, a secretária e nove professoras(es). A escola tem, em média, 150 estudantes oriundos também de outros povoados além de Nova Esperança. Destacamos que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Para o processo analítico da pesquisa vamos operar com o discurso com base em Foucault (1986). Entendemos o discurso como um conjunto de enunciados que se constrói temporalmente, emergindo conforme o momento histórico e o contexto social e que ao se falar sobre sexualidade, existem vários discursos que se confrontam e atuam na produção das subjetividades.

Após esta breve apresentação do percurso da pesquisa, analisaremos a relação da docente com a disciplina EPS, alguns materiais didáticos que ela utilizou nas aulas e situações de suas práticas educativas em que as homossexualidades aparecem.

## As práticas pedagógicas da professora de Educação para Sexualidade em uma escola no campo: alguns apontamentos

A professora nomeada nesta pesquisa de Cecília tem 46 anos, é casada, se define como heterossexual, têm dois filhos e um neto. Tem como religião a Católica, sendo praticante assídua, e encontra-se como líder, em conjunto com o seu esposo, do grupo de casais da paróquia que frequenta. É graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Educacionais (FACE) em 2006 e em Artes Cênicas pela UESB, *campus* de Jequié-BA no ano de 2016 e tem especialização em Psicopedagogia.

Ela atua como docente há 19 anos, possuindo um vínculo empregatício efetivo com a Prefeitura Municipal de Jequié, assumindo uma carga horária total de 40 horas, sendo 20 horas na escola no campo e as outras 20 horas em uma escola na cidade. Ela leciona EPS apenas na escola no campo há 02 anos. Além dessa disciplina também trabalha com Artes e Geografia.

Apresentamos a professora interlocutora desta pesquisa com a seguinte frase: ***“Você vai adorar a professora, ela é ótima, ela é boca porca”***. Essa frase foi dita, em 2018, pelo diretor da escola para se referir a professora regente da disciplina EPS. Baseando-nos nessa frase, nos questionamos: O que significa dizer que a professora que leciona sexualidade tem a boca porca? Entendemos aqui o discurso de que para falar de sexualidade é necessário não ter pudor na fala, ser despojada(o), podendo dizer o que nomeamos de “palavrões”. A professora Cecília tem uma desinibição em trabalhar com essas questões, não possuindo vergonha ou medo de falar sobre sexualidade, motivando o diretor da época a escolhê-la para assumir a disciplina.

Cecília não vivenciou nenhum processo formativo que enfatizasse as questões de educação sexual e/ou sexualidade em sua formação inicial ou mesmo após graduada. Ela também ressaltou que não existe um suporte da SME de Jequié-BA para auxiliar às(aos) professoras(es) que ministram EPS. Segundo a pesquisa de Azevedo e Souza (2016), a existência de uma formação para a disciplina EPS, mesmo que de forma mais prescritiva, somente ocorreu nos primeiros anos em que a disciplina estava sendo introduzida como componente curricular do núcleo diversificado do currículo do ensino fundamental e que depois não houve um processo formativo específico oferecido às(aos) professoras(es).

Porém, a professora Cecília relatou que, em 2019, houve uma tentativa de formação com as(os) professoras(es) da disciplina EPS:

*“Cecília comenta que, em reunião, a Secretária informou a elas(es) que teria uma formação específica para condução*

*da disciplina, isso no começo do ano letivo de 2019. Ela afirma que grande parte das(os) professoras(es) participou da reunião. A professora Cecília conta que a proposta passada a elas(es) em reunião seria ter outros encontros para elaborar um plano de curso, fazer um planejamento e, além disso, teria visitas nas escolas de profissionais da saúde com palestras destinadas aos estudantes e para auxiliar as(os) professoras(es). Contudo, a proposta ficou apenas no primeiro encontro. Ela ainda comenta que estava muito feliz com a ideia da formação” (Diário de Campo, 28 de março de 2019).*

Neste diálogo que tivemos com a professora Cecília percebemos essa tentativa de construir um planejamento em comum para a EPS já que não há uma proposta curricular geral para esse componente curricular. No entanto, houve apenas um encontro e ela não soube dizer os motivos da não continuidade desta ação. Chamou-nos atenção a ideia de profissionais de saúde visitarem as escolas e ministrarem palestras para as(os) estudantes, pois isso nos aponta o quanto o saber biomédico ainda tem sido entendido como primordial para ensinar sobre sexualidade em detrimento de outros saberes e como isso constrói determinadas relações de poder.

A autora Carvalho (2009) pontua que não devemos descreditar o conhecimento médico, porém, não devemos nos aprisionar a ele para estabelecer as discussões referentes à sexualidade, por mais que esse conhecimento seja historicamente aceito como a verdade. Também, nos traz, que caso isso venha ocorrer, mais uma vez ficaremos presos à anatomia do sistema genital, às IST, às campanhas preventivas da área da saúde, às leituras de bulas descritivas dos métodos contraceptivos e, mais uma vez, pautando as discussões ao disciplinamento das(os) estudantes.

A professora Cecília usa como referência para elaboração das suas aulas a fotocópia do livro “O dia-a-dia do professor: adolescência, afetividade, sexualidade e drogas” volume 5, 4ª edição, editora FAPI, produzido pelas autoras Fernanda Rodrigues Gandra, Cristina do Valle G. Pires e Regina Célia Villaça Lima, em 2002, que lhe foi passado por uma professora mais “antiga” na disciplina.

*“Na primeira conversa com a professora Cecília, ela deixou claro que não possuía material didático para ministrar a disciplina Educação para Sexualidade, e que este não é ofertado pela Secretaria de Educação do município de Jequié-BA para dar suporte no planejamento e durante as aulas. Todos os materiais didáticos que ela possui*

*atualmente são fotocópias de livros, módulos, atividades e avaliações da antiga professora que ministrava a disciplina na Escola Municipal Mauro Almeida e da professora da Escola Municipal Adolfo Ribeiro, que já leciona esse componente curricular há algum tempo*” (Diário de Campo, 28 de março de 2019).

Nesse material encontramos conceitos e expressões - opções sexuais, hermafrodita, homossexualismo e DST - contestadas por pesquisadoras(es) e também pelo movimento LGBTTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros e intersexuais) e não mais usadas no trabalho com educação, gênero e sexualidade. Por outro lado, também percebemos que o discurso biológico presente no material não é determinista em relação ao desejo afetivo-sexual, como expresso na figura 1: “Mas a presença dos genitais não determina o tipo de relacionamento afetivo-sexual que essa criança terá futuramente”. O discurso de que a genitália não define o desejo favorece o discurso construcionista em relação à sexualidade.

A expressão “opções sexuais” não tem sido mais utilizada para se referir aos diferentes desejos sexuais e amorosos, pois denota que existe uma vontade deliberada, em que atração seria um ato intencional e não o resultado complexo que envolve experiências psíquicas e sociais (MELLO; GROSSI; UZIEL, 2009). Portanto, as expressões mais utilizadas são: orientação sexual ou identidade sexual para se referir às diferentes expressões do desejo sexual.

O termo homossexualismo foi criticado e substituído por homossexualidade, pois o primeiro traz um resquício de medicalização grande advinda do entendimento desta orientação sexual como patologia, um desvio ou transtorno sexual quando ainda estava no rol das doenças catalogadas pela Organização Mundial de Saúde, sendo retirada do Código Internacional de Doenças apenas em 1991 (SOUSA FILHO, 2009). Sobre o conceito de hermafrodita, este tem sido questionado por ser pejorativo, associado à monstruosidade e uma imperfeição da natureza. Dessa forma, tem-se trabalhado com o conceito de intersexualidade para designar as diferentes corporalidades que contestam a dicotomia sexual masculina-feminina (CANGUÇU-CAMPINHO; BASTOS; LIMA, 2009).

Além de termos que já foram substituídos, existe no material uma confusão ao que se refere à identidade de gênero e identidade sexual. Este material trata transexuais e travesti como identidades sexuais e não identidades de gênero, e ao conceituá-las fica preso aos aspectos biológicos, excluindo as questões sociais, culturais e históricas dessas identidades.

Na página 23 do livro “O dia-a-dia do professor: adolescência, afetividade, sexualidade e drogas” (figura 2), no texto “Homossexualismo” há vários discursos, alguns contraditórios entre si. Há um discurso de celebração da diversidade e de respeito aos homossexuais ao questionar os processos discriminatórios e a imagem estereotipada do homossexual associando-o como afeminado, ao conceituar homofobia e ao evidenciar as consequências advindas de atitudes homofóbicas. Porém, o discurso essencialista sobre a sexualidade também está presente nesse texto da página 23 ao enfatizar a busca ou preocupação por uma possível causa da homossexualidade, como se esta identidade fosse um desvio em relação à heterossexualidade. Inclusive não se busca a causa da heterossexualidade, por exemplo.

Destacamos aqui também dois momentos em que a professora toca nas questões sobre homossexualidade. Em uma dessas situações, na aula sobre Identidades sexuais e de gênero, ela expõe sobre o seu irmão que considera ser gay, embora ele nunca tenha dito que seja. Afirma que o irmão é maravilhoso, um artista, que faz cada decoração linda, um trabalhador, um homem de Deus, que vai para a igreja e tudo.

Essa situação gerou alguns questionamentos referentes ao posicionamento da professora Cecília em relação à homossexualidade. Quando a professora fala que o seu irmão é gay, que efeitos ela produz em seus/suas estudantes? Talvez ela queira evidenciar que a homossexualidade não é incomum, já que, ela tem um irmão gay e que, portanto, os(as) discentes não devem ver a homossexualidade como anormal. Por outro lado, ao enfatizar que ele é trabalhador e um homem de Deus, ela enfatiza que ele apresenta qualidades e, portanto, a homossexualidade fica menos atenuante ou então, essas qualidades compensariam o fato dele ser homossexual.

Em outro momento, em uma aula ministrada para o 8º ano, a professora Cecília planejou discutir sobre Namoro. Para introduzir a temática, ela pediu para todas(os) as(os) estudantes responderem oralmente as seguintes perguntas: sua idade e se namoravam ou não. Ela começou falando sua idade, dizendo que é casada e que adora namorar. Em seguida, a palavra foi passada para as(os) estudantes que foi respondendo sem nenhum receio, até que um deles se recusou a falar. ***“A professora Cecília diz: Vai menino! Larga de besteira! Fala se tem namorado ou não (todas(os) caem na risada). Oh, desculpa! Namorada. Envergonhado, Elizeu responde: Não professora, eu não tenho nem namorado, nem namorada”*** (Diário de campo, 12 de abril de 2019).

Foi perceptível o constrangimento do estudante com essa situação. Na escola perpetua-se que Elizeu é homossexual, pois anda acompanhado de meninas, não joga futebol e tem outros comportamentos tidos como

femininos, o que o torna gay, independente dos desejos sexuais e afetivos dele. Entendemos que, neste caso, a atitude da professora foi homofóbica, pois expôs Elizeu ao constrangimento e humilhação das(os) colegas. Quando ela pergunta se ele tem namorado, isso não foi apenas intencionado em saber se ele namorava ou não, mas de expor uma suposta homossexualidade que já era cogitada na escola.

**Figura 01** - Fotocópias do livro "O dia-a-dia do professor: adolescência, afetividade, sexualidade e drogas" entregue para as(os) estudantes como material de estudo.

## Variadas opções sexuais

O espermatozóide, ao fecundar o óvulo, dá início a uma nova vida.

Cada uma dessas células sexuais carrega informações que definirão as variadas características do indivíduo, dentre elas o sexo biológico.

Ao nascer, a criança apresenta um sexo biológico representado pelos órgãos genitais femininos ou masculinos. Mas a presença dos genitais não determina o tipo de relacionamento afetivo-sexual que essa criança terá futuramente.

Ao chegar à adolescência, por causa de uma série de influências, há uma definição sexual que pode ser pelo sexo oposto e/ou pelo mesmo sexo.

**Heterossexual** São os indivíduos que se relacionam afetivo-sexualmente com o sexo oposto.

**Feminino:**  
Mulheres que se comportam de maneira feminina, sentem-se mulheres, mas desejam um relacionamento afetivo-sexual com mulheres, e não com homens.

**Homossexuais**

**Masculino:**  
Homens que se sentem e se comportam como homens, mas sua opção de relacionamento afetivo-sexual por homem.

**Bissexual** Mulheres que desejam relacionar-se afetivo e sexualmente tanto com mulheres quanto com homens.

**Masculino:**  
Homens que desejam relacionar-se afetivo e sexualmente com homens e mulheres.

**Transexuais** Homens e mulheres que desejam trocar o seu sexo biológico.

**Travesti** Pessoas que se veste de outro sexo para relacionar-se com alguém do mesmo sexo.

**Hermafrodita** Pessoa que apresenta órgãos sexuais externos diferenciados dos órgãos sexuais internos. Por exemplo, nascem com pênis e têm ovários. Somente um médico pode diagnosticar o hermafroditismo.

Esses esclarecimentos não têm o intuito de rotular o ser humano, mas de esclarecer as pessoas, para que possam se despir de preconceitos e debater sobre a identidade sexual de cada um.

**Obs.:** Em fevereiro de 2000, os homossexuais ganharam nova nomenclatura no programa de Aids do Ministério da Saúde.

Veja:

**MSM** – homens que fazem sexo com homens.

**MSM** – mulheres que fazem sexo com mulheres.

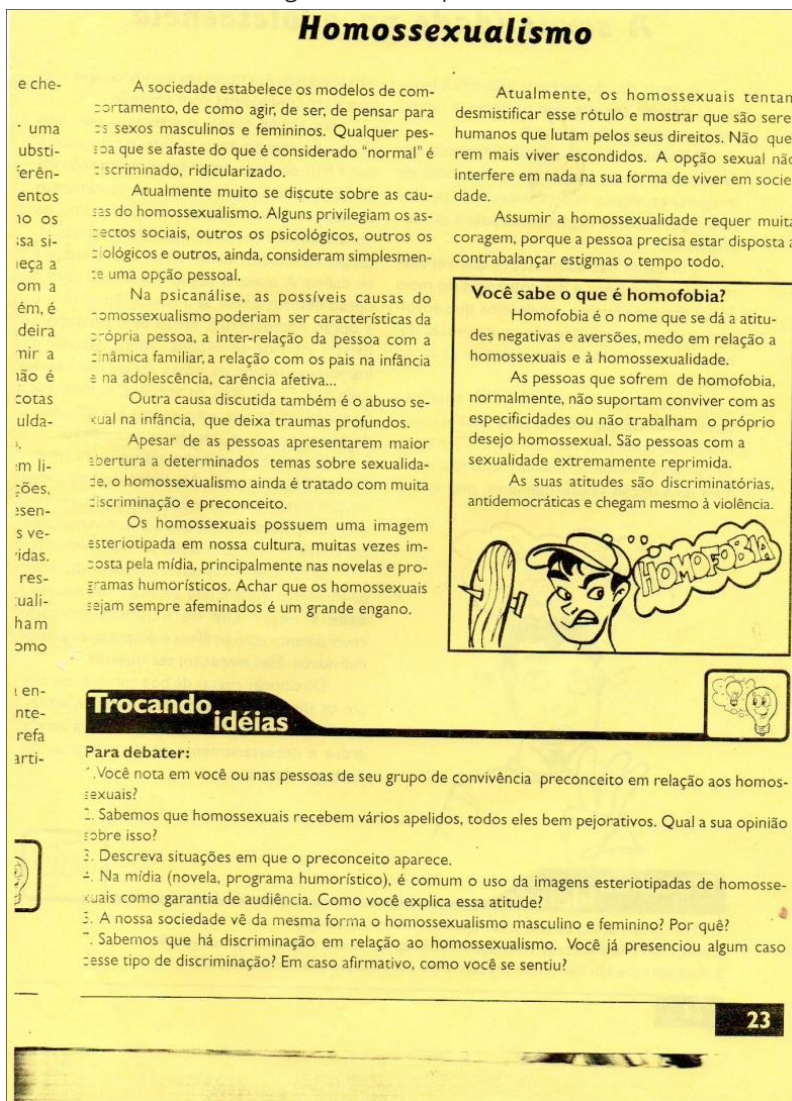
## Trocando idéias

1. Escreva um texto expressando sua opinião sobre as opções sexuais apresentadas no texto.
2. Em grupo, debatam: "Por que existe tanta discriminação em relação às opções sexuais?"





Figura 02: Fotocópia do livro utilizado para a elaboração de aulas da professora regente da disciplina EPS



## Considerações

Neste breve artigo percebemos que a professora regente da disciplina Educação para Sexualidade transita entre discursos conservadores e progressistas durante suas aulas. Observamos que Cecília é uma professora que trabalha com as questões referentes à sexualidade de maneira mais

aberta, mesmo que sem uma formação específica na área. Contudo, ela ainda (re)produz conceitos que estão em desuso e precisam ser problematizados.

## Agradecimentos e Apoios

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

## Referências

ANGROSINO, M. **Etnografia e Observação Participante**. Artmed. Porto Alegre, 2009.

AZEVEDO, S. M. M. M.; SOUZA, M. L. O ensino da sexualidade em um componente curricular específico: regulações e escapes. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, MG, v. 23, n.2, p. 367-386, jul./dez./2016.

CABRAL, S. N.; SOUZA, M. L. "Canalizar para o bem versus canalizar para o mal": uma leitura da disciplina educação para a sexualidade nos anos finais do ensino fundamental In: Ribeiro, P. R. C.; Magalhães, J. C. (org.). **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Editora da FURG, 2017, v.1, p. 165-186.

CANGUÇU-CAMPINHO, A. K.; BASTOS, A. C. S. B.; LIMA, I. M. S. O. O discurso biomédico e o da construção social na pesquisa sobre intersexualidade. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1145-1164, 2009.

CARVALHO, F. A de. Que saberes sobre sexualidade são esses que (não) dizemos na escola? In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (org.). **Educação Sexual: em busca de mudanças**. Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2009.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

MEYER, D. E. E; SOARES, R. de F. Modos de ver e de se movimentar pelos "caminhos" da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com- e a partir de- um filme. In: COSTA, M. V; BUJES, M. I. E(Org.). **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. DP&A. Rio de Janeiro. 2005, p. 23-44.

MELLO, L.; GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P. A escola e @s filh@s de lésbicas e gays: reflexões sobre conjugalidade e parentalidade no Brasil. In: JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade sexual na educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 159-181.

SOUSA FILHO, A. Teorias sobre a gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude. JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade sexual na educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 95-123.